

1966

Lettre de l'Evêque d'Angola et Congo au Ministre d'Outremer — (2-VI-1853)

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/angolavol1>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Recommended Citation

Brásio, A. (Ed.). (1966). Lettre de l'Evêque d'Angola et Congo au Ministre d'Outremer. In *Angola: 1596-1867*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

This 1853 is brought to you for free and open access by the Spiritana Monumenta Historica at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Angola:1596-1867 by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

LETTRE DE L'ÉVÊQUE D'ANGOLA ET CONGO
AU MINISTRE D'OUTREMER

(2-VI-1853)

SOMMAIRE — *L'Évêque montre au gouvernement la malheureuse situation religieuse et de personnel missionnaire du diocèse. — Demande de bons ecclésiastiques pour soutenir le christianisme parmi les peuplades qui l'ont reçu.*

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex.^a, para que a faça chegar também ao conhecimento de Sua Majestade, essa carta-autógrafa do preto Rei do Congo, a qual me foi entregue pessoalmente pelo filho, que o dito Rei na mesma carta menciona ⁽¹⁾.

Esta carta, ainda que possa dizer-se uma incômoda curiosidade, mostra contudo, as ternas e amorosas ideias da Religião Cristã, que aquele povo, apesar de abandonado, ainda conserva em seu coração. Não foram certamente as baionetas e os tiros de canhão, que para com os Portugueses e para a Religião Divina de Jesus Cristo criaram naquela gente negra afeições tão duradoiras.

Sinto a minha alma profundamente amargurada, quando penso, que não tenho em Angola mais de 6 Sacerdotes naturais deste país, entrando neste número os Cónegos da Sé; quando penso que um destes já se acha entrevado numa cama e sacramentado para morrer; e quando penso que eu não tenho meios para sustentar, nem para criar os muitos sacerdotes que

(1) Cfr. doc. du 3 Mai 1853.

são necessários para cultivar a moral destes bons negros do Congo e Angola, já que os brancos e europeus se acham aqui quase todos envenenados e repassados de uma irreligião e de uma imoralidade não só espantosas, mas talvez incorrigíveis, ainda que possível fosse fazer pronta aplicação dos meios mais eficazes.

Não pode ser duradoira a minha vida no meio de tantas amarguras; numa região doentia e cheia dos horrores de uma guerra de costumes devassos, para vencer a qual posso dizer-me um general sem soldados, porque esses poucos que tenho, são indisciplinados e quase todos desmoralizados. Assim não se vence: sucumbe-se, apesar da vontade mais enérgica.

Se forem aumentadas as côngruas paroquiais, não será certo, mas é algum tanto provável, que algum padre europeu se resolva a vir a esta terra, ainda que não seja dentro do prazo da minha vida: de outra maneira, ainda que cheguem aqui, como não têm certos os necessários meios de subsistência, fogem dentro em pouco tempo, como fizeram alguns dos que vieram comigo, e não morreram pouco depois da chegada.

Antes desta carta do Rei do Congo, já dele recebi outra no mesmo sentido, a que respondi com a suavidade e cautelas, que me ocorreram, animando-o com esperanças, e até remetendo-lhe um presente ou mimo, que constava de uma capa encarnada e duas cruzes douradas, objectos que o mesmo Rei menciona na carta que remeto a V. Ex.^a; mas tudo isto evitará mal e por pouco tempo, que estes povos de Angola e Congo percam totalmente o amor e respeito aos Portugueses, e ao Cristianismo, cujos preceitos e doutrina ainda muitas pessoas sabem, embora com algumas imperfeições, filhas do abandono em que se acham.

Um Bispo sem Sacerdotes bons, e sòmente com os recursos que neste país tenho ao meu alcance, é mais talvez um objecto de irrisão, do que um símbolo de honra para a Nação a que pertence, e um baluarte da Religião Divina que professa e de-

fende. Se me for dada a escolha, deixarei o Paço Episcopal de Luanda para viver na prisão do Limoeiro em Lisboa. No entanto, fico esperando as determinações de V. Ex.^a e de Sua Majestade, a quem falo a verdade com esta franqueza, porque jugo ser este o meu dever e não costumo enganar.

Deus guarde a V. Ex.^a

Paço Episcopal em Luanda, 2 de Junho de 1853.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Ministro da Marinha e Ultramar

s) *Joaquim, Bispo d'Angola do Congo*

AHU — *Angola*, Carton 19 (1853).